



# Timor Loro SAE<sup>1</sup>

*Therezinha de Castro\**

Embora com algumas informações conjunturais ultrapassadas, composto que foi em novembro de 1999, a publicação deste artigo se justifica, pelo conteúdo substancial do seu conjunto, e é uma forma de homenagem póstuma a especial e fértil colaboradora que tivemos por mais de vinte anos.

**I**lha da Insulíndia, no Arquipélago de Sonda, Timor, politicamente está dividida em duas partes. O setor oeste, com 19.000 km<sup>2</sup> e capital em Kupang, pertence a Indonésia; o setor leste, de colonização portuguesa, ao qual estão associados o enclave de Ocussi (Ambeno) e as ilhas de Ataúro e Jacó. Tem 14.925 km<sup>2</sup> e a cidade de Díli como capital.

Com 33.025 km<sup>2</sup>, pouco maior que o nosso estado de Alagoas (27.652 km<sup>2</sup>), situada entre 8<sup>o</sup> e 10<sup>o</sup> de latitude sul, no Pacífico, Timor é ilha montanhosa, com seu

ponto mais alto no Pico Ramelau (2.960 metros). No setor leste, é percorrida por vários cursos d'água.

Supostamente descoberta entre os anos de 1512 e 1520, no momento em que se intensificava a colonização periférica portuguesa para o Oriente, como ilha de especiarias, Timor teve função destacadamente mercantil. No entanto, os portugueses só se estabeleceram aí em 1556, passando a extrair o sândalo.

Com o declínio marítimo português, face à concorrência anglo-holandesa, Timor seria dividida. Em

1651, os holandeses passam a dominar o setor oeste, quando se intensificam conflitos entre indígenas (*pa-puas*, em sua maioria), portugueses e recém invasores. A divisão política só começa a se impor quando as nações européias assinam o Tratado de Paz de 1661, muito embora o setor oeste só seja cedido definitivamente aos holandeses em 1859.

## TEMPOS ATUAIS

A Insulíndia foi ocupada pelos japoneses em 1942-45, quando 60.000 timorenses morreram na resistência<sup>2</sup>.

\* Professora.

<sup>1</sup> Selecionado pelo PADECEME.

Na véspera da rendição (17 de agosto de 1945), o líder nacionalista Sukarno proclamou a independência, mas os holandeses tentam restabelecer o domínio colonial, só reconhecendo a separação em 1949.

Continuaria, porém, o setor leste em poder do governo de Lisboa, até que a Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974) pusesse fim ao regime salazarista. Valendo-se da indefinição gerada pela repentina e inesperada retirada do governo colonizador, a esquerda, liderada por José Alexandre Xanana Gusmão, declarava Timor Leste independente (28 de novembro de 1975), mas, no dia seguinte, o governo de Djakarta decretava a sua anexação.

No dia 7 de dezembro de 1975, Timor Leste era invadida pelo exército indonésio, ação ainda assistida pelos portugueses, a bordo de uma fragata ancorada no porto de Dili. Os invasores declaravam Timor Leste como a 27ª província da Indonésia, quando foram mortas cerca de 200 mil pessoas, fato ignorado pelo mundo em geral.

Dois dias depois, Xanana Gusmão assumia a chefia da

guerrilha, situação que se estende até o massacre de Santa Cruz (12 de novembro de 1991), quando foram mortos 270 jovens timorenses presentes ao funeral de um independentista.

Em 20 de novembro de 1992, Xanana Gusmão era preso e condenado a prisão perpétua, sentença reduzida no ano seguinte para 20 anos.

O massacre de Santa Cruz despertaria, em Portugal, o sentimento de que era necessário fazer alguma coisa pelo povo timorense, que tem, no português, a sua segunda língua.

A decisão do então Presidente Suharto de anexar o Timor Leste foi sempre condenada pela ONU, que continuou reconhecendo Portugal como potência administradora daquele território. E seria com esse argumento que o Primeiro Ministro António Guterres passou a pressionar o Conselho de Segurança. Exigia ações mais firmes da ONU e das Grandes Potências em defesa da antiga colônia de Portugal, enquanto o Bispo Carlos Felipe Ximenes Belo conseguia multiplicar o número

de fiéis pró-independência, jogando contra a Indonésia muçulmana o peso da Igreja Católica, envolvendo o Vaticano. Foi por isso agraciado, em 11 de outubro de 1997, juntamente com o líder José Ramos Horta, com o Prêmio Nobel da Paz.

O mundo começava a descobrir o drama de Timor Leste, conseguindo Guterres, finalmente, obter a promessa da realização de um referendo, graças à mudança de governo da Indonésia.

Em 1º de maio de 1998, caía Suharto, assumindo seu ex-ministro J. Habibie que, sem o aval dos militares e de Wiranto, Ministro da Defesa e Chefe das Forças Armadas, bancou a realização do Referendo para Timor Leste, a realizar-se em 30 de agosto de 1999.

Assinado o Acordo entre Lisboa e Djakarta, uma missão de observadores da ONU (UNAMET) foi para Timor, conseguindo garantir, entre junho e julho de 1999, que, dos 600 mil eleitores potenciais, se cadastrassem 438 mil. Duas perguntas foram então elaboradas para serem respondidas pelo eleitorado. Primei-

<sup>2</sup> O mesmo que aconteceu com Dili, após o Referendo de 30 de agosto de 1999, a cidade foi também arrasada pelos invasores nipônicos.

*ra: Acata a proposta de autonomia para Timor Leste dentro do Estado Unitário da República da Indonésia?*  
 Segunda: *Rejeita a proposta de autonomia para Timor Leste que deve conduzir à sua separação da República da Indonésia?*

Comícios das duas facções foram então organizados pela UNAMET, evitando que ocorressem no mesmo lugar e na mesma hora e impedindo-se, assim, os choques.

Na UNAMET trabalharam 5 oficiais, 6 policiais e 19 peritos eleitorais brasileiros, enquanto a consulta popular do dia 30 de agosto de 1999 era acompanhada pelos Deputados brasileiros - João Herman Neto (PPS/SP), Pedro Valadares (PSB/PE) e Paulo Delgado (PT/MG), bem como pelo cientista político da Universidade de Brasília Luiz Antonio Bittencourt, este último atuando em Ambeno.

## IMPASSE E AÇÃO

No Plebiscito de 30 de agosto de 1999, 78,5% dos timorenses preferiram apoiar a independência de Timor Leste. O Presidente Bacharudin Jusuf Habibie prometia respeitar o resultado, recomendando, ao Legislativo,

a aprovação de uma emenda à Constituição ratificando a decisão.

No entanto, já no dia 4 de setembro, quando da divulgação do resultado pela ONU, já havia se iniciado uma onda de violência com massacres, levando a população a fugir para as montanhas ou abandonar Timor Leste, onde Díli, sua capital, transformava-se numa cidade fantasma.

Toda violência é atribuída ao General Wiranto que, sentindo-se atropelado pelo posicionamento de Habibie, armou as milícias timorenses anti-independência.

Para a Indonésia, a independência de Timor Leste abre sério precedente para o país situado no maior arquipélago do Mundo (13.667 ilhas, sendo 6.000 desabitadas) com 5.100.000 km<sup>2</sup>. País dos mais complexos, possui a 4ª população do planeta, com 210 milhões de habitantes falando 400 línguas diferentes.

O controle desse complexo insular geopolítico concentra-se em Java. E, se na pulverizada Iugoslávia todo o ressentimento voltava-se contra a Sérvia para onde fluía grande parte da riqueza, o mesmo problema na Indonésia aponta para

Java. Daí o economista Sri Mulyani Indrawati, da Universidade da Indonésia, haver dito que *o país está entrando num período incerto e muito perigoso.*

***Para a Indonésia, a independência de Timor Leste abre sério precedente para o país situado no maior arquipélago do Mundo (13.667 ilhas, sendo 6.000 desabitadas) com 5.100.000 km<sup>2</sup>. País dos mais complexos, possui a 4ª população do planeta, com 210 milhões de habitantes falando 400 línguas diferentes.***

É fato que, após ter sido anunciado o plebiscito sobre a independência de Timor Leste, imediatamente os guerrilheiros do movimento Aceh Livre começaram a reivindicar o mesmo, para criar a República Islâmica do Aceh.

Na Irian Jaya, rebeldes também lutam pela independência, não sendo difícil imaginar as numerosas rixas tribais e de grupos religiosos, como por exemplo: o conflito étnico entre imigrantes de Flores e Batak, no norte de Sumatra, e Ilha de Batan, província de Riau; o enfrentamento entre imigrantes e indígenas no oeste de Kalimantan; além de graves

distúrbios entre cristãos e muçulmanos em Amboina, província de Maluku. Assim, de Batan até Amboina o clamor é um só - separatismo.

Apesar de não ter sido reconhecida pela ONU, a anexação de Timor Leste foi esquecida pelos Estados Unidos e, até mesmo, apoiada pela Austrália. Isso porque a FRETILIN (Frente de Libertação de Timor) era influenciada pela esquerda, e os Estados Unidos ainda temem a desestabilização da Indonésia, seu importante aliado na Ásia. Assim, procurarão participar só com apoio logístico, lançando alimentos e remédios de helicóptero para os refugiados.

Por sua vez a China, ocupando o Tibet, vê com preocupação a operação militar da ONU, como perigo so precedente.

Aceita no dia 12 de Setembro de 1999 pela Indonésia, após muitas pressões, a Força de Paz da ONU vai ser chefiada pela Austrália. Para redimir sua culpa por apoiar a Indonésia quando da invasão de Timor Leste, a Austrália, distando daí 400 km, está pronta para embarcar seu contingente de 4.500 homens, que lá ficará por,

no mínimo, 3 anos em missão de paz, para consolidar a independência<sup>3</sup>.

A Coreia do Sul destacou 400 homens, as Filipinas enviarão cerca de 200, a Nova Zelândia contribuirá com 700 homens, uma fragata e aviões e o Canadá com 600 soldados.

A França levará 500 soldados, 3 carros blindados e a fragata com mísseis dirigidos - Vendémiaire. A Inglaterra enviará entre 250 e 300 soldados nepaleses do Regimento Gurkas, um corpo de elite sob o comando do exército britânico e o navio antimísseis HMS Glasgow.

Portugal vai destacar cerca de mil soldados de infantaria e será a segunda maior tropa depois da Austrália; contribuirá também com pára-quedistas, fragatas, aviões de carga e helicópteros.

Restabelecida a segurança pela INTERFET, a Força Internacional de Segurança da ONU, Xanana Gusmão deverá voltar para Díli, pois estava em Djakarta, refugiado na Embaixada Inglesa, desde que o governo indonésio o libertou, em 7 de setembro de 1999. No dia 18 de setembro, já em Darwin, na Austrália, presidia o

CNRT (Conselho Nacional da Resistência Timorense), dirigido por João Carrascalão. A missão deverá, a partir de então, planejar o futuro do Timor, numa difícil fase de transição, com o território arrasado e a maioria da população refugiada.

Timor Loro Sae, ou Timor do Sol Nascente, irá preservar o *tetum*, língua falada por 60% dos timorenses, mas irá generalizar o ensino do português.

Terá uma economia por construir, sendo uma das partes mais pobres do Sudeste Asiático. Aproximadamente 90% dos seus habitantes estão envolvidos, de alguma forma, na agricultura. Embora cultive arroz e milho, sendo auto-suficiente em legumes, frutas e carne, o único artigo de exportação é o café.

Há indícios de jazidas de ouro, manganês e mármore e existência comprovada de reservas de petróleo e gás natural. A maior potencialidade está numa faixa de águas internacionais, entre Timor Leste e a Austrália, conhecida como *Fossa de Timor*. É das áreas mais ricas para a produção de energia, hoje ainda administrada conjuntamente por Canberra e Djakarta. O

<sup>3</sup> General Peter Cosgrone, australiano, será o chefe das Forças da ONU.

maior recurso é o gás natural, mas as jazidas ficam em tal profundidade que é questionável se a produção seria economicamente viável. Com os preços baixos nos mercados internacionais, face a super oferta de gás natural, talvez não haja logo um incentivo para a exploração.

O panorama das montanhas e a costa com praias virgens, mostram que o turismo talvez venha a ser a maior fonte de divisas para o país.

## CONCLUSÃO

Os 51 brasileiros que integrarão a Força de Paz da ONU são militares de elite do Batalhão de Polícia do Exército de Brasília, localizado no Setor Militar Urbano, com idade média de 24 anos.<sup>4</sup> Vários falam inglês, sendo profissionais preparados para enfrentar qualquer situação limite, como convulsões sociais.

De acordo com a solicitação da ONU e da Austrália, que vai liderar a missão multinacional, o pelotão brasileiro integrará uma tropa de policiamento, responsável pela segurança de ins-

talações, autoridades e comboios e pelo controle de trânsito nas estradas e cidades. Terá papel importante na comunicação com os timorenses por causa do português, língua falada por parte da população.

O Brasil estará corrigindo uma certa passividade, desde 1996, quando o Presidente Fernando Henrique recebeu José Ramos Horta pedindo que intercedesse por Timor Leste e obtendo no máximo uma *diplomacia discreta*, já que nosso Presidente recebera, dias antes, o Representante da Indonésia.

No imenso espaço do Pacífico Sul, a França, a Inglaterra e, mais recentemente, os Estados Unidos vêm demonstrando interesse em países independentes, vivendo na maior dependência.

As formas de governo mais comuns são as *democracias parlamentaristas*, cujos chefes de Estados se perpetuam no poder, ou as formais *monarquias constitucionais*, onde predomina o inglês como o idioma oficial ao lado de dialetos locais.

Esses mini-países com representatividade na ONU, nada mais são do que pontos de apoio na esteira oceâ-

nica citando-se entre outros: o Kiribati (728 km<sup>2</sup>), Tonga (699 km<sup>2</sup>), Tuvalu (158 km<sup>2</sup>), Vanuatu (12.189 km<sup>2</sup>) e Nauru (21 km<sup>2</sup>).

A esses micro-Estados virá se juntar Timor Loro Sae ou Timor do Sol Nascente.

Além de ser um dos raros lugares da Ásia onde se fala o português, o posicionamento geopolítico de Timor Loro Sae, na confluência das rotas comerciais entre a Ásia e a Oceania, tirando vantagem do amplo mercado do Sudeste Asiático e, ponta de lança para milhares de outras ilhas e mini-Estados do Pacífico Sul, vai assegurar-lhe desenvolvimento, se bem administrado. A médio prazo isso será de suma importância para o Brasil.

## ANEXO

A Insulíndia, subcontinente formado por vários arquipélagos, milhares de ilhas e ilhotas era chamada pelos europeus, em particular pelos portugueses, na época das grandes navegações de Índias Orientais ou Ilhas das Especiarias.

O posicionamento geoestratégico determinou, em grande parte, a sua História,

<sup>4</sup> O contingente brasileiro será comandado pelo Major de Cavalaria Fernando do Carmo Fernandes.



caracterizada por piratarias, lutas entre potências europeias colonizadoras e sangrentas batalhas na 2ª Guerra Mundial.

Após a rendição japonesa, formar-se-ia aí a República da Indonésia, após muitas lutas e negociações, com o aval da ONU (1949). As tendências separatistas em várias ilhas, notadamente em Sumatra, Bornéu, Molucas e Nova Guiné, levaram o líder nacionalista, Sukarno (1960), a reforçar a autoridade governamental instalada em Java, concentrando todos os poderes em suas mãos. O mesmo governo forte de seu sucessor Suharto foi,

sobretudo, suavizado por Habibie que, ao que tudo indica, poderá ser derrotado nas próximas eleições. É que, com a independência de Timor Leste, começam a surgir separatismos em pontos críticos do arquipélago. É pois um retorno aos turbulentos anos 50, sobretudo nas Ilhas de Sumatra, Bornéu, Molucas e Nova Guiné.

Sumatra ou Samatra (473.606 km<sup>2</sup>), descoberta pelos portugueses em 1508, foi, por algum tempo,emporio comercial da pimenta, ouro e madeira de lei. Substituídos, no século XVII, pelos holandeses, o co-

mércio passou a ser feito pela Companhia das Índias Orientais, que tinha nos ingleses seus sérios concorrentes. Assim, somente em 1824, quando os holandeses reconheceram a ocupação inglesa em Cingapura é que Londres lhes concedia pleno exercício em Sumatra.

Para reprimir a pirataria dos habitantes de Aceh, estabelecidos na ponta setentrional da ilha, os holandeses privaram-lhes de sua independência, surgindo aí, desde então, um ponto de atrito que se estende aos nossos dias.

Depois da Austrália, Bornéu (736.000 km<sup>2</sup>) é a

maior ilha da região. O setor incluído na Indonésia leva o nome de Kalimantan, enquanto o Sarawak e o Sabah fazem parte da Malásia, havendo ainda aí o pequenino Sultanato do Brunei.

A ilha foi descoberta pelo português António de Abreu (1511) e seu domínio foi disputado, nos séculos XVII e XVIII, pelos holandeses e ingleses.

Enquanto o setor incorporado à Malásia vem, desde 1964, sendo contestado pelo Governo de Djakarta, é notório o separatismo no Kalimantan (412.781 km<sup>2</sup>), área, portanto, também problemática.

As Molucas foram sempre o ponto de apoio dos portugueses no comércio das especiarias (noz moscada, cravo,

canela e gengibre), que aí possuíam feitorias, desde sua descoberta (1512), por António Abreu e Francisco Serrano. Em 1602, o arquipélago caía em poder dos holandeses, sendo conquistado pelos ingleses durante as guerras napoleônicas.

Voltaram essas ilhas para os holandeses (1817), para serem ocupadas pelos japoneses (1942/45), sendo incorporadas à República da Indonésia que, de imediato, teve que sufocar o movimento separatista em Amboina, a unidade mais importante do conjunto.

Consta, historicamente, que foram dois portugueses, António Abreu e Francisco Serrano, os primeiros a avistarem, em 1511, a Ilha da Nova Guiné, sem, no entanto, nela desembarcarem.

Coube ao espanhol Inigo Ortiz de Retez dar-lhe o nome de Nova Guiné, pela semelhança entre os habitantes daí e os que avistara na costa ocidental africana.

Em 1828, os holandeses tomavam posse oficial de parte da ilha, a Iria Ocidental, atual Irian Jaya, que de 1942 a 1944 esteve sob ocupação japonesa.

Pelo Acordo firmado em 1962 entre a Indonésia, já independente, e a Holanda, a área até então sob administração holandesa passava para a tutela da ONU, determinando o documento que, em 1964, esse território passaria a ser administrado pela Indonésia, que o prepararia para um auto-governo, estando aí, em estado latente um dos pontos de atrito visando ao separatismo. ●

## BIBLIOGRAFIA

- STAMP, L. Dudley - *Ásia (Una Geografía Regional y Económica)*, Ediciones Omega, S/A, Barcelona, 1952.
- PETERSON, A. D. C. - *L'Extreme Orient (Géographie Sociale)*, Payot, Paris, 1958.
- BRUNAT, Jean - *L'Histoire de L'Indonésie*, Presses Universitaires de France, Paris, 1958.
- CASTRO, Therezinha - *Indonésia: Diversidade Geopolítica*, A Defesa Nacional nº 777, 3º trimestre de 1997.
- CARVALHO, Delgado e Castro, Therezinha - *A Indonésia e o Sudeste Asiático*, Atlas de Relações Internacionais nº 3, IBGE.
- BOYD, Andrew - *Atlas de Política Mundial*, Editorial Ibérica, Barcelona, 1958. Períodos da época - Jornal do Brasil e O Globo.